

Edgard Roquette-Pinto e o fazer antropológico e etnográfico no Brasil nas primeiras décadas do século XX

Rita de Cássia Melo Santos

DCS/PPGA/UFPB

2024

POUR CITER CET ARTICLE

Santos, Rita de Cássia Melo, 2024. "Edgard Roquette-Pinto e o fazer antropológico e etnográfico no Brasil nas primeiras décadas do século XX", in *Bérose - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*, Paris.

URL Bérose : [article3730.html](https://berose.org/article3730.html)

article publisher ISSN 2648-2770

© UMR9022 Héritages (CY Cergy Paris Université, CNRS, Ministère de la culture)/DIRI, Direction générale des patrimoines et de l'architecture du Ministère de la culture. article copyright.

usage article

consulte le 6 de novembro de 2024 - 13h06min

Publié dans le cadre du thème de recherche «Histoire des anthropologies au Brésil», dirigé par Stefania Capone (CNRS, CREDA) et Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo)

Introdução

A atuação e produção de Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) são exemplares do exercício da antropologia no Brasil nas primeiras décadas do século XX, com importante presença da antropologia física nas práticas etnográficas (Seyferth 1985, 2008; Correa 1998; Santos 2008, 2010; Santos 2019a, 2020). O estudo de sua trajetória e obra permite compreender, entre outras coisas, o modo como se deu a associação do fazer científico antropológico com um projeto político de refundação do Brasil implementado após a proclamação da República em 1889.

Com uma larga atuação na área médica, educacional e de comunicação popular, Edgard Roquette-Pinto sobressaiu-se no campo da antropologia sobretudo durante seu período de atuação no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde ingressou em 1905 e permaneceu até 1935. Nesse período, desenvolveu atividades de campo, formulou exposições, publicou artigos e livros científicos e estabeleceu uma próxima interlocução com Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), à época a frente do projeto de construção das linhas telegráficas entre o Mato-Grosso e o Amazonas.

Tal projeto, como veremos neste artigo, buscou consolidar a soberania nacional em

diferentes regiões do país, o que se deu por meio da abertura de estradas, pela conexão de regiões pela linha telegráfica, pela liberação das terras públicas ocupadas pelas populações indígenas e pela instalação de colonos e fazendeiros nesses espaços. E se deu ainda pela construção de uma legitimidade científica que passou pela antropologia e por diferentes ramos das ciências naturais. Para melhor compreender tal processo, tomarei a trajetória de Edgar Roquette-Pinto desde a sua formação inicial, passando por suas primeiras experiências de trabalho de campo e, por fim, pelo legado científico que deixou e pelo horizonte imaginado para as populações indígenas no começo do século XX.



Fig. 1.

Edgard Roquette-Pinto entre indígenas Nambiquara,
2005.

Fonte Roquette-Pinto

Do “espírito curioso” e do “desejo pelas viagens” à primeira sistematização científica

Médico, antropólogo, educador, escritor e pensador brasileiro, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, então capital imperial. Filho do advogado pernambucano Manuel Menlio Pinto Vieira de Melo e da mineira Josefina Roquette Carneiro de Mendonça oriunda de uma família de proprietários rurais, Roquette-Pinto foi criado pela avó materna na fazenda Bela Fama, no interior do estado de Minas Gerais. De volta ao Rio de Janeiro, concluiu seus estudos primários no Externato Aquino, prestigioso colégio carioca de forte ênfase científica (Lima & Sá 2008); em seguida, ingressou na Faculdade de Medicina. A escolha pelo curso de medicina, é atribuída ao contato com Francisco de Castro, professor da Faculdade de Medicina que em consulta a um familiar, convenceu o jovem que, “um espírito curioso” como o dele, “precisava de uma carreira científica” (Roquette-Pinto em entrevista a J. Silveira, 1939: 46).

Assim, o desejo pelas viagens que o impulsionava a ser oficial da Marinha foi substituído pelo incentivo e a curiosidade pelas ciências biológicas. Ao ingressar na Faculdade de Medicina, Roquette-Pinto destacou-se como excelente aluno, e no final do curso, aderiu ao positivismo

sob influência de Henrique Batista, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Venâncio Filho 2008: 60). Concluiu seu curso em 1905 com o trabalho intitulado *O exercício da medicina entre indígenas brasileiros* (Roquette-Pinto 1906). Durante o período universitário, por meio do professor Brant Paes Leme, se interessou por anatomia e antropologia, campos científicos próximos no Brasil do início do século XX e decidiu seguir nessa direção (Roquette-Pinto em entrevista a J. Silveira, 1939: 46). [1]

Sua monografia de conclusão de curso (Roquette-Pinto 1906) é a primeira publicação do autor sobre a temática indígena. Por meio desse trabalho podemos ter acesso às principais referências antropológicas e etnográficas que nortearam seu trabalho no período precedente ao ingresso no Museu Nacional. Nesta monografia, o autor realiza uma combinação entre métodos da etnografia, da antropometria e da sociologia nascente para analisar a prática da medicina entre os indígenas americanos. Para isso, faz uso de autores fundamentais à formação do campo da antropologia brasileira, como João Barbosa Rodrigues (1842-1909), Ladislau Netto (1836-1894) e Sílvio Romero (1851-1914), e percorre a bibliografia internacional alinhada a essa mesma área, como os estudos de Rudolf Virchow (1821-1902), Paul Broca (1824-1890), Peter Lund (1801-1880), entre outros. Além disso, referenciou-se em publicações clássicas nacionais, como a *Revista da Exposição Antropológica* (de 1882), concebida no período da direção de Ladislau Netto no Museu nacional; a *Revue d'anthropologie*, sob direção de Paul Broca, e o *Archivio per l'antropologia e la etnologia*, organizado pela Società Italiana di Antropologia, Etnologia e Psicologia Comparata.

Para compor *O exercício da medicina entre os indígenas da América* o autor buscou estudar os mais diversos grupos indígenas que habitavam a América - desde os residentes nas costas da Groelândia e no litoral ártico da América até as populações da América do Sul (Roquette-Pinto 1906: 3, 61). De modo a conhecer as práticas médicas dessas populações, por sua vez, recorreu a dados de revistas e anuários de Antropologia como o *Annual Repport of the Bureau of Ethnology*, a relatos de viajantes e de colonos - por exemplo, *Adventures of the First Settlers on the Oregon or Columbia River* (1923 [1849]), de Alexander Ross (1783-1856), e *The Northwest Coast*, de

James Gilchrist Swan (1818-1900) -, de expedições científicas, como as Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) e Karl Von den Steinen (1855-1929), e de missionários, por exemplo a *Historia de la Compañía de Jesús en Nueva-España* (1841-1842), obra publicada a título póstumo, do mexicano Francisco Javier Alegre (1729-1788) (Roquette-Pinto 1906: 60, 66-70).

No livro, os relatos encontram-se organizados segundo os grupos indígenas, dos quais são destacados, em cada sociedade, os responsáveis pela função médica, pelo manuseio dos instrumentos, pelos remédios utilizados e pelas diferentes formas de cura. A compreensão desses aspectos não se dá de modo isolada, mas correlacionada às condições de alimentação, à organização social, às crenças nativas, à localização geográfica, etc. Roquette-Pinto não desconsidera ainda uma dimensão fundamental da antropologia daquele momento - a craniometria abordada a partir dos trabalhos do suíço Louis André Gosse (1791-1873), nomeadamente o seu *Essai sur les déformations artificielles du crâne* (1855), e do francês Ludger

Jules Joseph Lunier (1822-1885), como o verbete “Déformations artificielles du crâne” no volume X (1869) do *Nouveau dictionnaire de médecine et de chirurgie* (1869).



Fig. 2.

Exposição Antropológica Brasileira: artefatos e aspectos da vida indígena. Marc Ferrez, 1882.

Fonte: Biblioteca Nacional

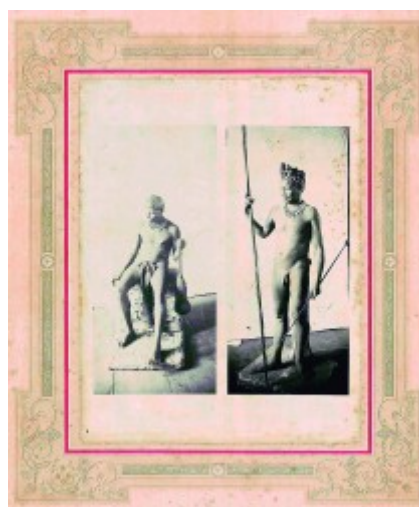


Fig. 3.

Exposição Antropológica Brasileira: artefatos e aspectos da vida indígena. Marc Ferrez, 1882.

Fonte: Biblioteca Nacional

Formar-se antropólogo em um museu (1905-1935)

Roquette-Pinto ingressou no Museu Nacional para o cargo de assistente da Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia. Alguns anos antes, em 1876, seria inaugurado o primeiro curso público de antropologia na instituição, conduzido pelo antropólogo e médico João Batista de Lacerda (1846-1915), chefe da recém-criada seção de “Antropologia, zoologia geral e aplicada, anatomia comparada e paleontologia animal”. O curso, de dois anos, dedicava-se, na primeira metade, ao estudo de anatomia e da fisiologia do homem, e, na

seguinte, ao estudo das raças humanas, especialmente das raças americanas; questões como herança, mestiçagem, aclimação, monogenismo e poligenismo constituíram os principais aspectos aí trabalhados (Lacerda *apud* Castro Faria 1999: 23).

Outro feito marcante para a consolidação da antropologia no país se deu em 1882, com a realização da Exposição Antropológica brasileira, iniciativa do então diretor do Museu, o botânico Ladislau Netto (1838-1894). Nessa ocasião, tem início uma nova tradição de exibição dos objetos, na qual o modelo de troféus de guerra seria substituído pela composição de cenas nativas, modificação que trouxe a ênfase etnográfica para o centro do debate, ao buscar representar “a vida nativa” no interior do espaço museal. Além disso, a exposição estabeleceu um fluxo de envio de objetos pelos presidentes de províncias e outros agentes, tais como chefes de milícias e tenentes. Tal movimento de doações e envios ampliou significativamente em termos de quantidade e variedade o acervo da instituição, em direção semelhante às ações de colecionismo empreendidas pelos demais museus etnográficos do mundo (Stocking 1985; Castro Faria 1998; L’Estoile 2007; Ter Keurs 2010; Santos 2019c). A publicação da revista *Arquivos do Museu Nacional*, a partir de 1876, e da *Revista da Exposição Antropológica*, em 1882, consolidaram uma rede de comunicação científica do Museu tecida por meio de permutas e visitas que promoveram a formação de uma comunidade internacional em diálogo (Agostinho 2014; Sily 2012).

O período inicial da atuação de Roquette-Pinto como antropólogo no Museu Nacional foi marcado por ampla atividade no âmbito dos domínios arqueológico, linguístico, histórico, etnográfico, antropológico e administrativo, bem como pelo exercício sistemático da escrita etnográfica [2]. Ao longo desse período, o antropólogo participou das expedições ao litoral do Rio Grande do Sul (1906), à Serra do Norte (1912) e ao Paraguai (1920). Em 1922, já havia dado início ao largo estudo dos tipos nacionais e participado de grandes eventos científicos, dos quais se destacam o 1º Congresso Universal das Raças (Londres, 1911) e o XVIII Congresso Internacional de Americanistas (Londres 1912). Em 1910, constituiu a primeira filmoteca do Museu Nacional; em 1915, publicou o *Guia das Coleções Antropológicas do Museu Nacional* e, em 1918, reformulou a sala de Etnografia do Museu Paulista, permanecendo responsável pela reorganização do acervo do Museu Nacional.

Os métodos de classificação e catalogação de objetos e de formulação de exposições propostos por Roquette-Pinto tornaram-se reconhecidos internacionalmente na década seguinte, como indicam as palavras de Paul Rivet em sua passagem pelo Museu Nacional: “Personne n’a le droit de parler d’ethnographie brésilienne s’il n’a pas visité et étudié en détail les admirables collections du Musée National de Rio de Janeiro. Jamais je ne me suis autant instruit que pendant les trop courtes semaines que j’ai passées à Rio. J’en emporte un souvenir délicieux.” (Museu Nacional 1929).

Outro aspecto marcante se deu com sua inserção no programa de expedições científicas realizado pelo Museu Nacional. A realização de expedições com fins científicos tornou-se corrente instituição, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Um esforço que se somava ao movimento promovido pelo governo brasileiro de reconhecimento e integração

de suas diferentes regiões. Segundo Duarte (2022), o primeiro grande feito nesse sentido foi a Comissão Científica de Exploração realizada entre 1859 e 1861, na região Nordeste do Brasil, e que ficou conhecida como a *Comissão das Borboletas*, da qual tomou parte o poeta romântico Gonçalves Dias (1823-1864) [3]. Outros empreendimentos de vulto contaram com a participação direta de cientistas do Museu Nacional e incluíram uma vasta região de pesquisas que compreendia as províncias do Pará, Amazonas, Pernambuco, Alagoas, Santa Catarina e Paraná (Souza 2011). As expedições almejavam sobretudo obter materiais ósseos, urnas funerárias e demais vestígios arqueológicos. Cabe destacar que dessas expedições tomaram parte diretamente pesquisadores associados ao Museu Nacional, a exemplo do naturalista Alípio de Miranda (1874-1939), do botânico Frederico Hoehne (1882-1959) entre outros que, pouco a pouco, consolidaram a etnografia como prática central das atividades desenvolvidas na instituição (Castro Faria 1993; Dias & Souza Lima, 2022; Duarte 2022).

Durante o seu primeiro ano no Museu Nacional, Roquette-Pinto realizou expedições de exploração dos sambaquis do litoral do Rio Grande do Sul [4]. Ao longo dessa viagem, percorreu vinte e três sítios arqueológicos. Face à destruição precedente de muitos deles, não pôde obter os resultados que esperava e recolheu apenas alguns machados de pedra, artefatos líticos e objetos cerâmicos, não encontrando nenhuma ossada humana (Roquette-Pinto 1907: 31-35). Em contrapartida, buscou compensar a ausência de resultados significativos com a descrição minuciosa daquele território, cujo valor econômico, segundo o autor, era desconhecido. Empenhou-se em descrever as paisagens, as formas de acesso aos lugares, as condições de navegação dos rios, a composição das cidades encontradas, os guias, a vegetação e os animais nativos, os principais povoados, as formas de construção das casas, os tipos de pesca e os peixes, os preços pagos pelo trabalho dos capatazes, as condições de estadia nos campos, as áreas férteis - tudo foi alvo do seu olhar e descrição minuciosa (Roquette-Pinto 1907).



Fig. 4.

Rio das Três Forquilhas, Rio Grande do Sul, 1907.

Fonte: Roquette-Pinto

Em 1909, Roquette-Pinto apresentou no 4º Congresso Médico Latino-Americano, ocorrido no Rio de Janeiro, o trabalho *Etnografia Indígena do Brasil: estado atual dos nossos conhecimentos* (Roquette-Pinto 1909), no qual se dedicou aos estudos linguísticos e históricos dos povos indígenas do Brasil. A partir de uma reflexão sobre a inexistência de uma história geral dos

povos do Brasil, se propõe a realizá-la por meio de uma combinação da língua, da geografia e dos aspectos físicos. Para isso considerou a divisão entre *Tupis* e *Tapuias* [5] como elemento primordial da ocupação territorial (Roquette-Pinto 1909: 3). Para o autor, apesar das diferentes línguas e costumes, os Tapuias constituíam uma única raça e suas afirmações no que diz respeito às classificações linguísticas dos povos do Brasil e suas rotas de migração recuperavam Alcide Dessalines D'Orbigny (1802-1857) e Paul Ehrenreich (1855-1914). Para Roquette-Pinto era preciso constituir uma combinação entre geografia e língua; tal formulação o acompanhou em diversos outros trabalhos realizados posteriormente e permitiu uma síntese das influências germânicas recebidas com os conhecimentos etnográficos da época.

Poucos anos depois, Roquette-Pinto participou do 1º Congresso Universal das Raças, realizado em 1911, em Londres, onde fez a apresentação do seu *Diagrama da constituição antropológica da população do Brasil, organizado segundo as estatísticas oficiais de 1872 a 1890*. Na ocasião, elaborou o trabalho com João Batista de Lacerda, representante oficial do governo brasileiro, único da América Latina a fazer-se representar (Seyferth 1985: 82). O estudo apresentado por Lacerda, *Sur les métis au Brésil*, buscava comprovar a viabilidade da do branqueamento para o caso da população brasileira em 100 anos, que se daria por meio da mestiçagem. Para isso, a única prova estatística do trabalho fora fornecida por Roquette-Pinto (Seyferth 1985: 97; Santos 2010). Segundo Castro Faria, “o embranquecimento do brasileiro passou a ser considerado daí por diante não apenas um ideal, mas uma verdade científica; portanto, além de altamente apreciada, incontestável” (Castro Faria 1959: 5). Para Ricardo Ventura Santos, trata-se de uma conciliação “entre a realidade (mestiça) da sociedade brasileira com teorias científicas que desqualificavam o mestiço” (Santos 2010: 131).

Cabe destacar o movimento de resignificação da mestiçagem promovido pelo autor naquele momento e a sua defesa do elemento nacional em oposição aos defensores de uma política eugenista que enfatizava a migração de grupos humanos, sobretudo latinos, como forma de embranquecimento e melhoria da população brasileira tomada como degenerada. A oposição à ideia de degeneração do povo brasileiro e a positividade atribuída à população mestiça atravessa toda a obra de Roquette-Pinto e foi reiterada diversas vezes, muitas das quais em situações em que sua posição era divergente, como no trabalho apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, em 1929 (Roquette-Pinto 1929). Esse afastamento de um determinismo eugênico estabeleceu uma posição contrária ao racismo científico corrente, posição característica do Museu Nacional e de Roquette-Pinto (Santos 2010; Schwarcz 2004; Duarte 2000; Castro Faria 1998).

Em 1912, Roquette-Pinto enviou ao 28º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Londres, sua *Nota sobre os índios Nhambiquara do Brasil Central* (Roquette-Pinto, 1912a). O trabalho foi formulado a partir de peças etnográficas e de material linguístico remetidos ao Museu Nacional pela Comissão Rondon nos anos de 1910 e 1911. Nele retoma as considerações do importante etnólogo e antropólogo alemão, Karl Von den Steinen [6], e utiliza o

vocabulário sistematizado por integrantes da Comissão Rondon para propor a classificação dos Nhambiquara entre os grupos Gê (Roquette-Pinto 1912a: 33), o que mostra o seu uso, nesse trabalho e nos precedentes, de dados obtidos de modo indireto para formulação das análises; centrava-se assim em objetos, dados etnográficos elaborados por outros, em descrições e listas de vocabulários compilados em condições muito diversas, numa prática comum aos antropólogos de seu tempo (Stocking 1985; Pacheco de Oliveira 1987).



Fig. 5.

Artefatos indígenas recolhidos por Roquette-Pinto em sua viagem à Serra do Norte.

Foto: Edgard Roquette-Pinto. Fonte: Museu do Índio



Fig. 6.

Rondon e o capitão Tiburcio segurando os vasos de barro encontrados na Serra do Norte.

Foto: Benjamin Rondon. Fonte: Museu do Índio

Embora tivesse sido convidado por Rondon para integrar a expedição à Serra do Norte ainda em 1909, somente em 1912 o antropólogo tomaria parte no empreendimento, passando a realizar seus estudos *in loco*. Vale destacar que, nessa ocasião, apesar de não ter ainda realizado um trabalho de campo diretamente com populações indígenas, ele não era mais um jovem e inexperiente antropólogo nos termos do campo científico da época: dirigiu-se à

Serra do Norte enquanto antropólogo em vias de reconhecimento e com um conjunto significativo de experiências acumuladas em importantes congressos científicos, com um domínio apurado da bibliografia etnográfica e do acervo já constituído sobre essas populações.

Roquette-Pinto iniciou a expedição que seria um dos grandes marcos de sua carreira em 22 de julho de 1912, regressando ao Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1912. Em cerca de 120 dias, pouco mais do que o tempo despendido na pesquisa dos sambaquis do Rio Grande do Sul, pôde obter resultados incomparavelmente mais expressivos do que nessa primeira experiência. Com base neles, realizou uma série de conferências na Biblioteca Nacional, publicou artigos (Roquette-Pinto 1955 [1911]); uma tese, *Dinoponera Grandis* (Roquette-Pinto 1915b); e um livro, *Rondônia: Anthropologia, Ethnografia* (Roquette-Pinto 1917). No relatório de atividades apresentado ao Museu Nacional no ano de 1912, indica ter retornado à Seção de Antropologia e Etnografia com “uma coleção inestimável”, composta por cerca de 2.000 espécimes etnográficos, 52 fichas antropométricas, mais de 100 fotografias e muitos metros de filme etnográfico (Roquette-Pinto 1912b). Para que tais resultados fossem possíveis, contou com a sólida estrutura operacional da Comissão Rondon, o que lhe permitiu localizar e contatar os grupos indígenas utilizando os caminhos de acesso ao Vale do Juruena e à Serra do Norte já consolidados pela Comissão. Ele mesmo aponta que Cândido Rondon proporcionou-lhe o contato com os agentes da Comissão, em especial com os tenentes Antônio Pyrinneus e Emanuel Silvestre Amarante, e com os indígenas, sobretudo com Libânio Koluizorocê [7], que foram fundamentais para o sucesso do empreendimento (Roquette-Pinto 2005: 200; Santos 2020, 2022). É interessante observar como ele reconhece a dimensão da exploração implicada no empreendimento, mas, mesmo assim, sinaliza ter ido realizar somente o “sonho de estudioso”; este “sonho”, contudo, estava imerso na situação colonial.

Por suas anotações (e pela bibliografia de apoio) é possível entrever ainda a rede de interdependência formada na região e que, por vezes, alcançava até mesmo o fornecimento de suprimentos. Nas ocasiões em que havia interrupções das estradas, por exemplo, eram os indígenas quem socorriam a equipe da Comissão fornecendo-lhes alimentos (Roquette-Pinto 2005: 106). Essa interdependência entre nativos e estrangeiros é destacada quando o antropólogo caracteriza o encontro com os Nambiquara como o encontro com o homem da “idade da pedra” (Roquette-Pinto 2005: 108), reiterando considerações anteriores realizadas por K. Von den Steinen (1888) e evidenciando o que Fabian (1983) denominou de “alocronismo” na antropologia.



Fig. 7.

Indígena nambiquara, chamado Nenê do Zuiu-iná (rio Juína), em peregrinação pelos campos.

Foto: José Louro. Fonte: Museu do Índio



Fig. 8.

Indígena nambiquara.

Foto: José Louro. Fonte: Museu do Índio

Para a preparação de sua viagem, Roquette-Pinto dedicou-se ao estudo de um conjunto diverso de autores e de agentes coloniais. Fazem parte do seu universo de conhecimento prévio sobre a região e sobre os povos que ali habitavam: relatos de bandeirantes do século XVIII (como Antônio Pires de Campos e Paschoal Moreira Cabra); expedições anteriores, como as realizadas por Georg von Langsdorff (1874-1852) entre 1825 e 1829, por Amédée Moure [8] (1862) e Von Martius; relatórios de presidentes de província, como os realizados por Pimenta Bueno (1848), ou ainda publicações científicas, notadamente os trabalhos de Maria do Carmo de Mello Rego publicados na *Revista Arquivos do Museu Nacional*, além de documentos da Diretoria Geral dos Índios de Cuiabá e de referências incidentais aos trabalhos de G. Pimentel, Couto de Magalhães, Chandless (1862), Barbosa Rodrigues (1875), Henri Anatole Coudreau (1897), Clements Markham (1910) e Max Schmidt (1910), entre

outros.

A despeito das referências mobilizadas por Roquette-Pinto, ele indica que essas não constituíam naquele momento, especialmente sobre os Nambiquara, um quadro de informações sistemático. Somente após a instalação da Comissão Rondon na região e a possibilidade de constituição de novos estudos essas lacunas foram, segundo ele, superadas. No momento da inserção do antropólogo no quadro geral de pesquisadores associados à Comissão Rondon, os contatos com os grupos Nambiquaras se davam de modo intermitente. Para uma aproximação mais efetiva, Roquette-Pinto passou a recorrer às práticas empreendidas pela Comissão, tais como a oferta de presentes, a mobilização de indígenas Parecis como guias e a utilização das mesmas rotas de deslocamento usadas pela Comissão. Essa recorrência permitiu que o antropólogo se encontrasse com os indígenas e realizasse estudos antropométricos, anotações de vocabulário, gravação dos cânticos, e coligisse coleções etnográficas, entre outras tantas atividades; não sem a recusa de alguns deles em participar dos estudos (Roquette-Pinto 2005: 109-125). A associação da disciplina, em sua origem, a empreendimentos militares e de ocupação de territórios controlados por populações autóctones definiu padrões de produção de dados na antropologia que, apesar das duras críticas e revisões, não foram de todo abandonados (Fabian 1983; Stocking 1985).

Esses padrões de produção de dados etnográficos se refletiram, no caso brasileiro, na conexão entre antropologia e indigenismo. Roquette-Pinto, a partir de sua experiência em Rondônia, passou a caracterizar os indígenas da região sob duas perspectivas distintas: os Pareci, apontados pelo autor como “verdadeiros sertanejos” (2005: 93), “raça forte” cujos trabalho, abnegação e resistência teriam contribuído decididamente para a obra de conquista de Rondônia (2005: 99, 201), e os Nambiquara, os quais deve-se “proteger” sem “dirigir, nem aproveitar” (2005: 201). A responsabilidade que ele manifesta em relação ao segundo grupo advém, ele diz, da “grande dívida” contraída pela invasão dos seus territórios e, por isso, aos indígenas deveriam ser garantidas as condições de sua continuidade social. Contrariando os debates correntes de sua época, Roquette-Pinto aponta: “índio é índio; brasileiro é brasileiro” e não se deve buscar transformar os indígenas em cidadãos (2005: 201).

As classificações produzidas por Roquette-Pinto sobre a população indígena de Rondônia estabeleceram uma distinção entre os indígenas a serem protegidos (Nambiquaras) e aqueles a serem convertidos em trabalhadores (Parecis); tal classificação acompanhava a distinção produzida pela Comissão Rondon para as populações indígenas daquele estado e de outras regiões. E, ao ser incorporada no contexto científico dos debates antropológicos, contribuiu para legitimação dessa divisão em outros termos, funcionando como um espaço de reafirmação do trabalho da Comissão e do próprio Cândido Rondon e que resultou na limitação do controle exercido por essas populações sobre os seus antigos territórios. Tal papel desempenhado por Roquette-Pinto como antropólogo vinculado ao Museu Nacional, e de outros cientistas igualmente ligados à instituição, foi bastante amplo e difuso e precisa ser mais bem detalhado e conhecido (Souza Lima 1995, 2022; Dias & Souza Lima 2022; Castro Faria 1993, 1998). Para os fins desse texto, convém, contudo, retomar o papel público e

político que as instituições museais desempenharam em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, constituindo espaços próprios de produção de sentido e de imagens da nação (Stocking 1985; Anderson 1991; Mauss 2013; Pacheco de Oliveira & Santos 2019), e para os quais o estudo da trajetória e atuação de Edgard Roquette-Pinto são exemplares de um modo de ser antropólogo no Brasil naquele momento.

O incêndio do Museu Nacional em 2018 e a função pública do legado de Roquette-Pinto



Fig. 9.

Vista da Sala Etnografia do Brasil (detalhe).

Fonte: Museu Nacional



Fig. 10.

Major Libânio com e sem o uniforme militar que distinguia suas funções no trabalho junto a Rondônia.

Foto: José Louro. Fonte: Museu do Índio

No prefácio à primeira edição de seu livro *Rondônia*, Roquette-Pinto, imaginava usos futuros para o trabalho que havia recém realizado: “Quem sabe se mais tarde, um filho da Rondônia, bisneto de alguns desses que deixei com saudade em 1912, educado por um sucessor do Mestre, se o houver capaz de recolher a herança, não folheara estas notas, para ligá-las ao material conhecido e traçar, assim, a notícia completa do seu povo” (Roquette-Pinto 2005: XV). A aposta de Roquette-Pinto na formação de coleções para os museus não estava restrita

somente ao momento da coleta e exibição de objetos ou, ainda, a` sua própria produção científica. Ela apontava para um horizonte futuro no qual ele imaginava os descendentes daqueles grupos indígenas buscando em seus registros os caminhos necessários para a reconstrução da sua própria trajetória e história.

Estamos hoje no final do horizonte imaginado por Roquette-Pinto; futuro no qual os descendentes daqueles grupos têm acesso ao ensino superior, frequentam o Museu Nacional e ocupam suas aulas de pós-graduação em Antropologia, Linguística e tantas outras formações. O momento em que as notas e objetos passam a ser relidos e reinterpretados por essas populações que eram “objetos” de descrição e pesquisa.

Um incêndio de grandes proporções em 2018 interrompeu, em parte, a projeção feita pelo antropólogo. A destruição do Museu Nacional, naquele momento específico, representou uma perda incomensurável que atingiu de modo direto o seu acervo etnográfico e arquivístico, e provocou uma ruptura numa ordem que havia começado a se inverter. Face aos modos como se deu a distribuição dos acervos entre diferentes instituições públicas e aos processos de salvaguarda que já estavam em curso, para o caso específico do legado de Roquette-Pinto, apenas algumas coleções específicas sobreviveram.

Fazem parte desse conjunto parte dos fonogramas gravados pelo antropólogo - primeiro e mais original registro dos cânticos Pareci e Nambiquara. Dos 12 fonogramas gravados pelo antropólogo, 9 integram a “Coleção Documentos Sonoros” (Pacheco de Oliveira & Souza Lima 2006). Um segundo conjunto diz respeito à coleção de documentos pessoais depositada na Academia Brasileira de Letras com cerca de 6.000 itens. Fazem parte desse fundo as cadernetas de campo, os estudos preparatórios dos livros publicados, correspondências e telegramas enviados durante as atividades profissionais e algumas cópias das fichas antropométricas e fotográficas. O terceiro conjunto diz respeito aos objetos enviados a outros museus brasileiros e estrangeiros e que, por meio de permutas e presentes diplomáticos, passaram a compor o acervo de diferentes museus do mundo – o Museu de La Plata, na Argentina, o Museu Goeldi, no Pará, o Museu Paulista, em São Paulo, entre outros. Por fim, os escritos, palestras e conferências publicados em revistas científicas e jornais de ampla circulação em parte indicados nas obras de referência sobre o autor.

Que o trabalho interdisciplinar sobre esse vasto acervo possa seguir iluminando as condições e implicações políticas do colecionismo e de sua prática na antropologia contemporânea. Afinal, os modos de fazer antropologia com os povos indígenas e demais comunidades nacionais não podem ser compreendidos como sem consequências. As representações constituídas pela disciplina, especialmente em países com profundas desigualdades sociais como o Brasil, refletem-se no acesso, na legitimação e garantia de direitos para essas comunidades. Que agora, acompanhado dos nossos muitos colegas antropólogos-indígenas, como previu Roquette-Pinto, esse importante legado da disciplina possa ser revisitado e venha a constituir muitas novas histórias conectadas às histórias dos seus povos.

Fontes primárias consultadas

Museu Nacional, 1882a. *Guia da Exposição Anthropologica Brasileira realizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro a 29 de julho de 1882*. Rio de Janeiro, Tipografia de G. Leuzinger & Filhos,

Museu Nacional, 1882b. *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro, Tipografia de Pinheiro & C.

Roquette-Pinto, Edgard, 1906. *Ethnographia Americana: o exercício da medicina entre os indígenas da America*. Rio de Janeiro, E. Bevilacqua & C.

Roquette-Pinto, Edgard, 1907. *Relatório da excursão ao litoral e a região das lagoas do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, L. Macedo.

Roquette-Pinto, Edgard, 1909. *Etnografia indígena do Brazil: estado atual dos nossos conhecimentos*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

Roquette-Pinto, Edgard, 1912a. *Nota sobre os índios Nhamiquaras do Brazil-Central*. Resultados Etnograficos da Expedição Rondon – Enviada ao XVIII Congresso de Americanistas, Londres, Rio de Janeiro, s./e., p. 24-43.

Roquette-Pinto, Edgard, 1912b. *Relatório da 4ª Seção de Antropologia e Etnografia apresentado ao Sr. Diretor do Museu Nacional, Bruno Lobo*. Rio de Janeiro, Arquivo SEMEAR/MN.

Roquette-Pinto, Edgard, 1915a. *Anthropologia: guia das collecções*. Rio de Janeiro, Tipografia da Directoria Geral de Estatística.

Roquette-Pinto, Edgard, 1915b. *Dinoponera Grandis*. Memória apresentada à Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para obter a Livre Docencia da Cadeira de Historia Natural). Rio de Janeiro, Tipografia da Casa Bevilacqua.

Roquette-Pinto, Edgard, 1917. “Rondônia: Anthropologia, Ethnografia”, *Revista Arquivos do Museu Nacional*, 20.

Roquette-Pinto, Edgard, 1922. *Relatório da 4ª Seção apresentado ao Diretor do Museu Nacional, Bruno Lobo*. Rio de Janeiro, Arquivo SEMEAR/MN.

Roquette-Pinto, Edgard, 1924. *Relatório da 4ª Seção apresentado ao Diretor do Museu Nacional, Bruno Lobo*. Rio de Janeiro, Arquivo SEMEAR/MN.

Roquette-Pinto, Edgard, 1927. *Seixos Rolados: estudos brasileiros*. Rio de Janeiro, Mendonça, Machado & C.

Roquette-Pinto, Edgard, 1929. *Nota sobre os typos anthropologicos do Brasil*, Congresso Brasileiro de Eugenia, Rio de Janeiro.

Roquette-Pinto, Edgard, 1955. *Note sur la situation sociale des indiens du Brésil*. (Monographie

présentée au Congrès Universel des Races..., Londres, en 1911). Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional.

Roquette-Pinto, Edgard, 2005 [1917]. *Rondônia: anthropologia-ethnographia*, 7. ed. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.

Roquette-Pinto, Edgard, & Benjamim Baptista, 1926. “Contribution à l’anatomie comparée des races humaines. Dissection d’une indienne du Brésil”, *Arquivos do Museu Nacional*, XXVI.

Referências bibliográficas

Agostinho, Michele de Barcelos, 2014. *O Museu em Revista: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.

Alegre, Francisco Javier, 1841-1842. *História de la Compañía de Jesús en Nueva-España*, 3 vols. Mexico, Imprensa de J. M. Lara.

Anderson, Benedict, 1991. *Imagined Communities. Reflections on the origin and spread of nationalism*. London, Verso.

Bigio, Elias dos Santos, 2000. *Cândido Rondon: a integração nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobras.

Castro Faria, Luiz de, 1993. *Museu Nacional: o espetáculo e a excelência*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ; Tempo Brasileiro.

Castro Faria, Luiz de, 1998. *Antropologia 1: escritos exumados – Espaços circunscritos: tempos soltos*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense.

Corrêa, Mariza, 1998. *As Ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Tese de doutorado de Ciências política, Universidade de São Paulo.

Dias, Carla Costa & Antonio Carlos de Souza Lima, 2022. “As coleções sertanejas e o patrimônio histórico brasileiro: breve abordagem sobre o Museu Nacional nos processos de formação de Estado e de construção de nações”, in Luiz Fernando Dias Duarte (ed.), *Museu Nacional: 200 anos*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

Duarte, Luiz Fernando Dias, 2000. “Anthropologie, psychanalyse et “civilisation” du Brésil de l’entre-deux-guerres”, *Revue de synthèse*, 3-4, p. 325-344.

Duarte, Luiz Fernando Dias, 2022. “Uma natureza nacional - entre a universalização científica e a particularização simbólica das nações”, in Luiz Fernando Dias Duarte (ed.), *Museu Nacional: 200 anos*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 23-48.

Erthal, Regina, 1992. *Atrair e pacificar: a estratégia da conquista*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Fabian, Johannes, 1983. *Time and the Other: how Anthropology makes its object*. New York, Columbia University Press.

Kury, Lorelai & Magali Romero Sá (eds), 2017. *Rondon: inventários do Brasil, 1900-1930*. Rio de Janeiro, Ed. Andrea Jakobsson.

L'estoile, Benoît de, 2007. *Le goût des autres. De l'Exposition coloniale aux arts premiers*. Paris, Flammarion.

Lima, Nísia Trindade & Dominichi Miranda de Sá, 2008. "Roquette-Pinto e sua geração na República das letras e da ciência", in Nísia Trindade Lima & Dominichi Miranda de Sá (eds), *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Roquette-Pinto*, Belo Horizonte; Rio de Janeiro, Editora UFMG/Editora Fiocruz.

Lima, Nísia Trindade, Ricardo Ventura Santos & Carlos Everaldo Alvares Coimbra Júnior, 2005. "Introdução à Rondonia", in Edgard Roquette-Pinto (ed.), *Rondonia: Anthropologia – Ethnografia*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz e Academia Brasileira de Letras, p. 25-39.

Lima, Nísia Trindade, 1997. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

Mauss, Marcel, 2013. *La nation : éléments de politique moderne*. Paris, Presses universitaires de France.

Maciel, Laura Antunes, 1998. *A Nação por um Fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo, Educ/FAPESP.

Monteiro, John Manuel, 2001. "Redescobrimos os Índios da América Portuguesa: Incurções pela História Indígena e do Indigenismo", *Tupis, Tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Campinas, UniCAMP.

Pacheco de Oliveira, João & Antonio Carlos de Souza Lima (eds), 2009. *Rondônia 1912: gravações históricas de Roquette-Pinto*. Rio de Janeiro, LACED-Museu Nacional/UFRJ.

Pacheco de Oliveira, João, 2007. "O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI", *Revista Tempo*, Niterói, 23 (12), p. 73-99.

Pacheco de Oliveira, João, 1987. "Elementos Para Uma Sociologia dos Viajantes", in João Pacheco de Oliveira (ed.), *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*, São Paulo, Marco Zero; UFRJ, p. 84-148.

Pacheco de Oliveira, João & Rita de Cássia Melo Santos, 2019. *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. João Pessoa, Ed. UFPB.

Pacheco de Oliveira, João, 2022. *La naissance d'une nation. Formation des altérités au Brésil*.

Paris, Éditions de l'IHEAL.

Petschelies, Erik, 2021. “O Decano da etnografia sulamericana: vida e obra de Karl von den Steinen”, in *BEROSE - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*, Paris.

Rangel, Jorge Antonio, 2010. *Edgard Roquette-Pinto*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana.

Ross, Alexander, 1923 [1849]. *Adventures of the First Settlers on the Oregon or Columbia River*. Chicago, R. R. Donnelley & Sons Co.

Sá, Dominichi Miranda de, Magali Romero Sá & Nísia Trindade Lima, 2008. “Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15 (3), p. 779-810.

Santos, Ricardo Ventura, 2008. “Os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: Os Sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional”, in Nísia Trindade Lima & Dominichi Miranda de Sá (eds), *Antropologia Brasileira: Ciência e Educação na Obra de Edgard Roquette-Pinto*, Belo Horizonte, Editora UFMG; Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 123-144.

Santos, Ricardo Ventura, 2010. “Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930)”, in Marcos Chor Maio & Ricardo Ventura Santos (eds), *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 83-108.

Santos, Ricardo Ventura, 2019a. “Um antropólogo no museu: Edgard Roquette-Pinto e o exercício da antropologia no Brasil nas primeiras décadas do século XX”, *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), 25, p. 283-315.

Santos, Ricardo Ventura, 2019b. “Nem tudo são cinzas: a coleção etnográfica formada por E. Roquette-Pinto no Museu Nacional do Rio de Janeiro”, *Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 20, p. 1.

Santos, Ricardo Ventura, 2019c. “Undocumented objects: The Collection Cavalcanti at Museum Volkenkunde, Leiden”, *Museum History Journal*, 12, p. 7-28.

Santos, Ricardo Ventura, 2020. *No coração do Brasil: a expedição de Edgard Roquette-Pinto a Serra do Norte (1912)*. Rio de Janeiro, SEE/Museu Nacional.

Santos, Ricardo Ventura, 2022. “Libânio Koluizorocê. Fragmentos da participação indígena na construção nacional”, *Memórias insurgentes*, 1, p. 134.

Schwarcz, Lilia Moritz, 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Cia. das Letras.

Schwartz, Stuart B., 1988. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paul, Companhia das Letras.

Seyferth, Giralda, 1985. “A Antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda”, *Revista do Museu Paulista*, 30, nova série, p. 81-92.

Seyferth, Giralda, 2008. “Roquete-Pinto e o debate sobre raça e imigração no Brasil”, in Nísia Trindade Lima & Dominichi Miranda de Sá (eds), *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*, Belo Horizonte, Editora UFMG; Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 147-177.

Silveira, Joel, 1939. “A inquietação artística de Roquette-Pinto”. *Vamos Ler*, Rio de Janeiro, 22 mar., p. 46. (Depositado na ABL, Arquivo Roquette-Pinto ABL, caixa 1, pasta 27-3-23, item 7.)

Sily, Paulo Rogério Marques, 2012. *Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)*. Tese de doutorado em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

Souza, Vanderlei Sebastião de, 2011. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Tese de doutorado em História das ciências e da saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Souza Lima, Antonio Carlos de, 1985. *Aos fetichistas, ordem e progresso: um estudo do campo indigenista no seu estado de formação*. Dissertação de mestrado em Antropologia social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Souza Lima, Antonio Carlos de, 1995. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

Souza Lima, Antonio Carlos de, 2022. “De ciência e de política - o Museu Nacional no contexto de criação do serviço de proteção aos índios, 1908-1910”, in Luiz Fernando Dias Duarte (ed.), *Museu Nacional: 200 anos*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 277-313.

Stocking, George W. Jr. (ed.), 1985. *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture*. Madison, The University of Wisconsin Press.

Swan, James Gilchrist, 1857. *The Northwestern Coast, or Three Years Residence in Washington Territory*. New York, Harper and Brothers Publishers.

Ter Keurs, Peter, 2010. “Museums between Enlightenment and Romanticism. Early Nineteenth-century Roots and Modern Practices”, *UMAC Journal*, 3, p. 11-20.

Venâncio Filho, Alberto, 2008. “Roquette-Pinto, expressão de humanismo”, in Nísia Trindade Lima & Dominichi Miranda de Sá (eds), *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*, Belo Horizonte, Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 39-56.

[1] As pesquisas antropológicas no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX, eram realizadas sobretudo por médicos, que associavam estudos de Anatomia e de Antropologia Física. Para isso, ver, entre outros, os trabalhos sobre João Batista de Lacerda (Seyferth 1985).

[2] Roquette-Pinto conduziu sua carreira médica paralelamente à atuação no Museu Nacional. No período de 1905 a 1912, apresentou vários trabalhos em congressos médicos acerca de questões unicamente fisiológicas, dentre eles estão: “Sobre um caso de prenhez quadrupla – Communic. à Soc. Med. dos Hospitaes – Rio, 2 de junho de 1909”; “Sobre um caso de ectopia congenita no rim esquerdo – Communic. à Soc. Med. dos Hospitaes, in Bulletin da mesma – Anno 2 – n. 7 – Rio, 1909”; “Nota sobre um caso raro de sinfeze renal no homem – Rio, 1911 (Peça apresentada a Sociedade Medica dos Hospitaes do Rio de Janeiro em 1909)” (Roquette-Pinto 1915b: 1). Devido às finalidades deste texto, tais publicações não serão aqui analisadas.

[3] Antônio Gonçalves Dias foi um dos principais expoentes do chamado Romantismo brasileiro, mais especificamente da vertente conhecida como indianismo. Poemas como *Canção do Exílio* (1846), *Os Timbiras: poema americano* (1848), *I-Juca Pirama* (1851), entre outros, continuam a ser lidos e utilizados na rede escolar brasileira até os dias atuais, constituindo referências sobre o Romantismo no Brasil.

[4] Sambaquis são formações milenares derivadas do acúmulo de conchas e moluscos realizado por populações litorâneas.

[5] Classificação utilizada de forma generalizada no Brasil para referir-se aos diferentes povos indígenas do litoral falantes do Tupi-Guarani (Tupis) em oposição aos indígenas do interior falantes de outras línguas (Tapuias). A classificação apontava ainda para uma oposição entre os indígenas domesticáveis (Tupis) e os bravos (Tapuias). Ver Schwartz (1988), Monteiro (2001), Pacheco de Oliveira (2022), entre outros.

[6] Karl Von den Steinen foi um médico, antropólogo e etnólogo alemão responsável pelas primeiras expedições à região do Xingu. Para uma melhor compreensão sobre sua vida e obra, pode-se consultar o artigo “O Decano da etnografia sul americana: vida e obra de Karl von den Steinen”, de Erik Petscheli, disponível no site de BEROSE. Link: <https://www.berose.fr/article2527.html?lang=fr>

[7] Datas desconhecidas.

[8] Datas desconhecidas.